

A dinâmica das forças ativas e reativas em *O homem Duplicado*

The dynamics of active and reactive forces in The double

Renan Marques Isse

Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5707-7493>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6587308261177001>

E-mail: renanisse18@gmail.com

Resumo

O conceito nietzschiano de forças ativas e reativas, a partir da leitura de Gilles Deleuze, facilita bastante a compreensão do comportamento de um indivíduo enquanto corpo dominado por certos instintos. Nesse contexto, propomos a análise de tais forças nos personagens de *O homem duplicado*, romance do escritor português José Saramago. Dessa forma, analisamos que a dominação das forças nos personagens predomina de forma exclusiva, isto é, enquanto um personagem é dominado pelo caráter ativo das forças, as forças reativas não possuem espaço para se manifestar. Além disso, indicamos que a mudança de comportamento dos personagens acontece como se seguisse um efeito de causa e consequência: enquanto um se encontra dominado mais pelas forças ativas, o outro manifestar-se-á de forma mais reativa.

Palavras-chave: Ativo. Reativo. *O homem duplicado*. Saramago. Deleuze.

Abstract

Nietzschean concept of active and reactive forces, from Gilles Deleuze's reading, makes it easier to understand an individual behaviour as a subject who is ruled by certain instincts. In this context, we try to propose an analysis of such forces in the characters from The Double, a novel by Portuguese writer José Saramago. This way we point out that the forces' domination in the characters prevails exclusively, that is, meanwhile one of them is ruled by the active forces, reactive ones have no space to manifest themselves. Besides, we also suggest that the characters' behavioural change happens as though as they follow a cause-consequence effect: while one is ruled by the active forces, the other will manifest in such a reactive way.

Keywords: Active. Reactive. The Double. Saramago. Deleuze.

Data de submissão: 14/09/2020 | Data de aprovação: 22/04/2021

Introdução

Gilles Deleuze (s/d), em suas interpretações da obra de Nietzsche, apresenta o conceito de forças, analisadas qualitativamente de acordo com seu caráter ativo ou reativo, a depender de certas particularidades de cada uma. A força reativa tem suas atribuições basicamente vinculadas à conservação, adaptação e utilidade. Já a força ativa assemelha-se ao conceito freudiano de pulsão, no que diz respeito ao fato de ambos os conceitos serem oriundos de um estímulo que visa tirar o ser do estado de inércia, levando-o a agir e procurar se colocar em movimento.

Nesse contexto, diz Deleuze (s/d, p. 63, grifo do autor)

Em um corpo, as forças superiores ou dominantes são ditas *ativas*, as inferiores ou dominadas são ditas *reativas*. Ativo e reativo são precisamente as qualidades originais que exprimem a relação da força com a força. As forças que entram em relação não têm uma quantidade sem que, ao mesmo tempo, cada uma tenha a qualidade que corresponde à sua diferença de quantidade como tal. Chamar-se-á

de *hierarquia* esta diferença das forças qualificadas conforme sua quantidade: forças ativas e reativas.

Estando vinculada ao trio conservação-adaptação-utilidade, a força reativa pode ser vista como uma tendência do corpo a manter-se em uma situação confortável, isto é, tudo que retira do corpo o caráter impulsivo de dominação e conquista. Ela possui um caráter gregário, tendendo sempre a se unir, e acaba buscando o enfraquecimento das forças ativas. (DELEUZE, s/d)

Por outro lado, as forças ativas, segundo Deleuze (s/d), são mais difíceis de serem caracterizadas do que seus pares reativos, uma vez que o caráter ativo é isolado do domínio da consciência. A força ativa é aquela que vai até as últimas consequências para atingir seu objetivo. Pretendemos demonstrar no presente estudo as mudanças comportamentais de Tertuliano, o protagonista de *O homem duplicado*, caracterizando-as de acordo com o domínio de cada uma dessas forças.

1. Um corpo reativo

Tertuliano Máximo Afonso é um ordinário professor de História, divorciado, que vive para o trabalho. Seu colega de trabalho, vendo o quão deprimido ele se encontra, recomenda-lhe que assista ao filme chamado Quem Porfia Mata Caça, apenas para que ele espante o marasmo e o tédio. Tertuliano resolve aceitar o conselho do amigo e decide alugar o filme na locadora mais próxima. Eis que surge uma coincidência capaz de mudar a vida desse professor.

Tertuliano encontra como um personagem secundário um homem que é exatamente igual a si, “Tirando umas leves diferenças, pensou, o bigode sobretudo, o cabelo de corte diferente, a cara menos cheia, é igual a mim” (SARAMAGO, 2002, p. 24). O professor de História assusta-se com tamanha semelhança e lança-se de corpo e alma nesse mistério ao resolver investigar os outros filmes dessa produtora, a fim de buscar informações sobre o seu “duplo”. Acaba se assustando cada vez mais com as semelhanças: ao assistir a um filme posterior ao primeiro, ele lembra-se que durante a exibição daquele filme, o bigode também foi parte do seu rosto.

Nafragado no marasmo e na melancolia da modernidade, temos como personagem principal Tertuliano Máximo Afonso, um homem que não compreende sua relação intrínseca com os fatos de sua vida, principalmente no que diz respeito aos seus sentimentos. Ele casou-se e não sabe o porquê do divórcio, muito menos do casamento; mantém um relacionamento com Maria da Paz e não demonstra interesse em algo a mais com ela. A vida não parece fazer sentido algum para ele. Seu trabalho é uma “fadiga sem sentido e um começo sem fim” (SARAMAGO, 2002, p. 10).

Tertuliano é um sujeito tão inerte que atribui a um capricho do destino as decisões que faz durante essa noite. Seu jantar e a qual das três atividades possíveis ele se dedicaria são decididos a partir de um mero jogo infantil de uni-duni-tê. Após jantar e lavar as louças,

ele liga a TV e assiste ao filme. Inevitavelmente se arrepende de ter preterido sua leitura sobre as civilizações mesopotâmicas e a correção das tarefas de seus alunos para perder seu tempo com aquela produção cinematográfica, afinal, “está visto que o que tem de ser, tem de ser, e tem muita força, nunca jogues as pêsas com o destino, que ele come as maduras e dá-te as verdes”. (SARAMAGO, 2002, p.16)

Nesse contexto, salientamos que a repetição das ações do seu cotidiano é um indício forte de que seu corpo encontra-se dominado pela qualidade reativa das forças, conforme indica Deleuze (s/d, p.65):

[...] A consciência exprime apenas a relação de certas forças reactivas com as forças activas que as dominam. A consciência é essencialmente reactiva; é por isso que não sabemos o que pode um corpo, de que atividade é capaz. E o que dizemos da consciência, devemos dizê-lo da memória e do hábito. Mais ainda: devemos dizê-lo ainda da nutrição, da reprodução, da conservação, da adaptação. Estas são funções reactivas, especializações reactivas, expressões de tais ou tais forças reactivas.

As atitudes que toma são baseadas no repertório de atividades as quais já está habituado a fazer cotidianamente: corrigir tarefas, dedicar-se a leituras e alimentar-se sempre da mesma forma. O domínio reativo que a consciência e o hábito impõem-no é tão forte que Tertuliano Máximo Afonso é incapaz de romper com a rotina. No entanto, após assistir ao filme recomendado, o domínio reativo começa a ceder para a predominância das forças ativas.

Quando Tertuliano dormiu, ele sentiu que alguém havia invadido sua casa. Resolvendo procurar na casa de banho e na cozinha, ele teve a sensação de que a presença “estranha” baixara de intensidade. Tão logo se aproximou da sala de estar, a presença tornou-se forte novamente, “mais densa a cada passo, como se a atmosfera se tivesse posto a vibrar pela reverberação de uma oculta incandescência” (SARAMAGO, 2002, p. 22). Ao entrar na sala e aproximar-se dos móveis lá presentes, Tertuliano sentiu que a presença inquietante emanava do seu aparelho de TV, o qual ainda possuía o filme alugado em exibição. O professor de História não sabia de que presença se tratava, tampouco sua fonte, mas decidiu assistir novamente ao filme para identificá-las.

Nesse momento, Tertuliano já havia percebido que a sensação estranha vinha da fita. O professor de História então descobre que nessa produção há um sujeito com as feições bem similares às suas, e isso o perturba fortemente. Ele compara ambas as aparências e vê detalhes como o formato do rosto e um bigode sendo presentes em um e não no outro, mas logo se lembra de que, à época do lançamento do filme, ele próprio usava um bigode e ratifica a possibilidade de o ator ser de fato um duplicado seu. Após comparar a foto do ator com uma foto sua de cinco anos atrás, Tertuliano Máximo Afonso dá sinais de exaustão física e moral, ansiedade e desconexão dos pensamentos. A situação inquietante lhe havia atingido precisamente.

Nesse momento, ele já sabe o que lhe tirara a tranquilidade: a estranha semelhança entre si e o ator do filme. Segundo Freud (2010), o *inquietante* é uma sensação que desperta angústia e terror no sujeito, e que pode variar consideravelmente de pessoa para pessoa. É,

portanto, um aspecto subjetivo e individual. Para Tertuliano Máximo Afonso, o inquietante era aquele ator.

2. O inquietante

Freud apresenta o conceito de inquietante a partir de duas propostas: ou deve-se explorar o significado da palavra *unheimlich* nas mais diversas linguagens e épocas ou deve-se reunir as fontes de inquietude nas pessoas e juntar tais fontes comuns aos casos estudados. A conclusão de tais propostas, no entanto, é uma só: “o inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (FREUD, 2010, p. 331).

Tomando como partida o significado da palavra em alemão, tem-se que

A palavra alemã *unheimlich* é evidentemente o oposto de *heimlich*, *heimisch*, *vertraut* [doméstico, autóctone, familiar], sendo natural concluir que algo é assustador justamente por não ser conhecido e familiar. Claro que não é assustador tudo o que é novo e não familiar; a relação não é reversível. Pode-se apenas dizer que algo novo torna-se facilmente assustador e inquietante, algumas coisas novas são assustadoras, certamente não todas. Algo tem de ser acrescentado ao novo e não familiar, a fim de torná-lo inquietante. (FREUD, 2010, p. 331-332, grifo do autor).

Após uma longa exposição dos mais diversos significados em várias línguas escolhidas, Freud aponta uma particularidade: um dos significados de *heimlich* equivale ao seu antônimo (*unheimlich*).

Portanto, *heimlich* é uma palavra que desenvolve o seu significado na direção da ambiguidade, até afinal coincidir com o seu oposto. *Unheimlich* é, de algum modo, uma espécie de *heimlich*. (FREUD, 2010, p. 340, grifo do autor).

Nesse caso, as palavras se aproximam devido ao evento inquietante ser algo familiar. Trata-se de uma estranha familiaridade que inquieta o sujeito que a sente. O *unheimlich* atua no domínio familiar, mas atribui a ele uma configuração desconhecida e estranha, o que causa a sensação de inquietude que o indivíduo sente.

A influência da sensação inquietante que despertara Tertuliano de seu sono foi o pontapé inicial para que as forças reativas cedessem espaço para o domínio ativo. A partir desse momento, Tertuliano começará a mostrar atitudes que jamais lhe passaram pela cabeça.

3. O domínio ativo

Quando as forças reativas começam a se enfraquecer, a qualidade ativa prevalece. As forças ativas, apontadas como superiores, tendem ao poder, enquanto as reativas buscam a consolidação de hábitos. Além disso, Deleuze (s/d, p. 66) completa:

Apropriar-se, apoderar-se, subjugar, dominar são as características da força activa. Apropriar-se quer dizer impor formas, criar formas explorando as circunstâncias. [...] O poder de transformação, o poder dionisíaco, é a primeira definição da atividade. Mas sempre que marcamos assim a nobreza da acção e a sua superioridade sobre a reacção, não devemos esquecer que a reacção designa tanto um tipo de forças como a acção [...].

Tertuliano então cogita a hipótese de pedir explicações ao seu colega para saber o porquê da indicação daquele filme. Nesse monólogo interior, Saramago nos apresenta mais um personagem de fundamental importância no romance: o Senso Comum. Por meio de uma retórica fortemente persuasiva, ele convence Tertuliano de indagar o colega de Matemática. Finalizado esse diálogo, o narrador diz que

Para o professor de História Tertuliano Máximo Afonso, este dia em que estamos, ou somos, não havendo qualquer motivo para pensar que virá a ser o ultimo, também não será, simplesmente, um dia mais. Digamos que se apresentou nesse mundo como a possibilidade de ser um outro primeiro dia, um outro começo, e portanto apontando a um outro destino. Tudo depende dos passos que Tertuliano Máximo Afonso der hoje. (SARAMAGO, 2002, p. 32-33).

E de fato há um recomeço na vida de Tertuliano. Aquela mistura de marasmo com depressão e a sua passividade diante de tudo foram extintas, e ele toma a primeira grande atitude proveniente de si mesmo. Quando sentiu que um novo caminho se iluminou para ele, Tertuliano decide voltar à locadora para alugar cerca de meia dúzia de filmes da mesma produtora de Quem Porfia Mata Caça. Resolve assistir a todos eles para descobrir qual é o nome daquele ator que ele pensa ser seu duplicado.

Tertuliano volta à loja e aluga uma grande quantidade de filmes para continuar na sua busca por respostas. Desde a sua primeira ida à locadora, Tertuliano já estava sendo dominado pelas forças ativas, e agora a dominação amplia ainda mais. Com total certeza do seu objetivo, ele então se pergunta o que fazer depois que descobrir quem de fato aquele ator é. Conhecida a resposta, o professor de História se volta para mais uma sessão de cinema, com mais de trinta títulos a serem assistidos.

Tertuliano já se comporta como um homem completamente diferente. Aquele sujeito reativo que fazia uni-duni-tê para descobrir o que iria comer, deixando a escolha nas mãos do destino ou do acaso, agora já se manifesta de modo ativo e impetuoso. Ironicamente, tal mudança de comportamento recai em sua alimentação: preparando-se para almoçar num restaurante, Tertuliano deixa claro que “na última vez que lá esteve comeu carne, hoje ira comer peixe, é preciso variar, se não tivermos cuidado a vida torna-se rapidamente previsível, monótona, uma seca” (SARAMAGO, 2002, p.85-86).

Tertuliano Máximo Afonso, que até então estava completamente dominado pelas forças reativas e afundado em uma depressão profunda, agora começa a mudar sua postura em relação a si mesmo e ao mundo que o rodeia. A conservação de hábitos, claramente pertencente ao domínio das forças reativas, deu lugar à impetuosidade de buscar o novo.

Em seguida o Senso Comum volta a se manifestar após um acesso de soberba da parte de Tertuliano. Assistindo a um filme em que o tipo é um porteiro de boate ou cabaré, o professor, tomado por um acesso de soberba, atesta que ao menos é um professor de História, como quem quisesse “determinar e enfatizar a sua superioridade, não apenas profissional, mas também moral e social” (SARAMAGO, 2002, p. 89) para com aquele ator que se sujeitava a fazer diversos tipos de papéis sem a mesma pompa, respeito e brilho que a cadeira de História lhe propiciara.

Despretensiosamente, como quem não quer nada, Saramago lança na voz do Senso Comum uma sugestão que casa perfeitamente com o título do próximo filme ao qual Tertuliano assistirá. O eu dialético de Tertuliano comenta, fazendo troça com o nome dele, que caso ele fosse ator, teria de adotar um pseudônimo. Tertuliano guarda o filme anterior, sacou a produção intitulada sugestivamente como Diz-me Quem És, assistiu a ela por completo e foi dormir.

E de fato a resposta foi dada, mas após outro filme. Tertuliano descobre que se trata de um homem chamado Daniel Santa-Clara e busca informações sobre ele. Primeiro ele descobre o endereço da agência para a qual o ator trabalha e resolve enviar uma carta, assinada pela sua namorada, pedindo mais informações sobre Daniel. A carta então é respondida, e nela vem escrito o nome verdadeiro do ator, além de seu endereço. Mais uma vez o professor retorna à lista telefônica e consegue finalmente o telefone de António Claro.

Tertuliano usa uma retórica forte para tentar convencer António Claro a aceitar encontrar-se consigo. Ele argumenta que os dois são idênticos e menciona até a presença de uma cicatriz abaixo do joelho e de dois pontos no antebraço, fora, é claro, a voz de ambos soarem do mesmo modo. Essa primeira tentativa, no entanto, é falha: António Claro nega a possibilidade de haver qualquer tipo de encontro entre os dois, e o narrador então tira o foco de Tertuliano para colocá-lo em Helena e António Claro.

Marido e mulher então conversam sobre o que deveriam fazer depois desse contato do professor de História. A mulher ficara claramente assustada com a situação que lhe invadira a casa e a vida, tendo em vista que

Há pouco falei de medo, de pânico, mas agora percebo que é outra coisa o que estou a sentir, Quê, Não sei explicar, talvez um pressentimento, Mau, ou bom, É só um pressentimento, como uma porta fechada atrás de outra porta fechada, Estás a tremer, Parece que sim. (SARAMAGO, 2002, p. 181-182).

A perturbação que ocorrera a Tertuliano no início do romance se repete na esposa de António Claro. Helena acorda e se levanta ao pressentir uma presença estranha no apartamento em que mora com o marido. Ela

[...] ouviu o lento e espaçado respirar do marido, e de súbito percebeu que havia uma outra respiração no interior da casa, alguém que tinha entrado [...] quem respira e ainda aí pela casa, quem há pouco se sentou no meu sofá, quem está escondido atrás da cortina da janela, não é aquele homem, é a fantasia que tenho dentro da cabeça [...] um pesadelo nocturno nascido do medo e da angústia. (SARAMAGO, 2002, p. 183).

4. A mudança do jogo de forças

O jogo das forças ativas e reativas novamente muda. Após Tertuliano Máximo Afonso ter tomado as rédeas da situação para tentar forçar um encontro com António Claro, seu objetivo falha e ele entrega os pontos. Mais uma vez deixa a cargo do destino a decisão sobre o acontecimento ou não desse contato que ele tanto buscou. Agora, Tertuliano já não mantém mais aquele ímpeto proveniente do domínio das forças ativas em seu corpo: ele volta-se aos seus afazeres rotineiros, a citar o estudo que lhe fora solicitado pelo diretor da escola onde trabalha e as ligações feitas à mãe e à Maria da Paz.

António Claro que até então se comportou de forma reativa frente a todo esse longo e lento percurso da narrativa inverteu o seu posicionamento. Agora é o ator quem procura Tertuliano para lhe dar as direções do local em que vão se encontrar. Para António Claro

[...] seria prejudicial à minha carreira saber-se que tenho um sósia tão parecido, ate na voz, Mais que um sósia, Ou um gémeo, Mais que um gémeo, Precisamente isso é o que quero confirmar, ainda que, confesso-lhe, me custe a crer que haja entre nós essa igualdade absoluta que diz, Está nas suas mãos tirar o caso a limpo, Teremos de encontrar-nos, portanto (SARAMAGO, 2002, p. 195)

Retomando o diálogo anterior, Tertuliano posiciona-se passivamente frente à vontade que António Claro tem de sanar sua dúvida ao dizer que o caso agora está nas mãos do ator. Naturalmente, António Claro sanciona o veredito final ao dizer que enviará em uma carta o endereço de sua casa de campo junto de um pequeno mapa indicando como chegar lá.

Chega o dia do encontro e lá está António Claro esperando o professor de História no local combinado. Tertuliano então se apresentou:

Sou a pessoa que lhe telefonou, disse, estou aqui para que se certifique, pelos seus próprios olhos, de que não pretendia divertir-me à sua custa quando lhe dizia que éramos iguais, Efectivamente, balbuciou António Claro numa voz que já não parecia a de Daniel Santa-Clara, imaginei, por causa da sua insistência, que houvesse entre nós uma semelhança grande, mas confesso-lhe que não estava preparado para o que tenho diante de mim, o meu próprio retrato (SARAMAGO, 2002, p. 214).

Após um longo diálogo entre os dois, Tertuliano dá sequência às comparações: primeiro pelas mãos, depois o antebraço, em seguida o corpo todo. Ambos ficaram nus e não proferiram palavra alguma, tendo em vista a inutilidade delas num momento de confirmação de que tudo que o professor havia dito nas ligações era a mais completa verdade. Tertuliano, dominado pelas forças de qualidade reativa, sugeriu todas essas comparações para que tudo que ele dissera fosse conservado como a verdade. A sua consciência, dispositivo capaz de armazenar hábitos e costumes, se manteve inerentemente reativa do começo ao fim do encontro.

Por outro lado, António Claro ficou completamente atônito com a confirmação de tudo que o professor lhe havia dito na primeira chamada telefônica. Para o ator, que até

então estava apenas reagindo às investidas de Tertuliano, a situação se invertera. A estranha e completa semelhança que se dá entre ambos foi capaz de impulsionar as forças ativas no seu corpo e a partir de então, ele se mostra o personagem que busca o professor agora.

Enquanto Tertuliano se mantém um corpo reativo, António Claro, o corpo ativo da dupla, começou a movimentar-se. Em um diálogo com Tertuliano, António Claro lhe diz que, tendo em vista a

[...] perturbação que o seu aparecimento veio introduzir na minha relação conjugal e de que você não pode ter ideia, talvez seja por capricho don-juanesco de obsessivo derrubador de fêmeas, talvez seja, e isso é de certeza o mais provável, por puro e simples rancor [...] mas já se sabe, somos gente de bem, temos medo da prisão, e portanto, como não sou capaz de o matar a si, mato-o doutra maneira, fodo-lhe a mulher (SARAMAGO, 2002, p. 278).

O posicionamento de Tertuliano é o mais passivo possível. Após toda a exposição do plano por parte de António Claro,

Tertuliano Máximo Afonso não respondeu, baixara os olhos rapidamente como para impedir que neles se pudesse ler o pensamento que acabara de cruzar-lhe de lado a lado o cérebro. [...] Pareceu que tinha deixado descair os ombros, vencido, quando o outro disse, depois de ter olhado o relógio, É tempo de ir andando, ainda tenho de passar por casa de Maria da Paz a recolhê-la. (SARAMAGO, 2002, p. 278-279).

O professor aceita a colocação do ator, nesse momento um corpo dominado pelas forças ativas, sem demais considerações e colabora perfeitamente para que o encontro ocorra entre seu algoz e sua amada. António Claro explica-lhe o plano em minúcias e conta com o auxílio de Tertuliano nessa empreitada. Eles trocam de roupas, carros e documentos entre si e o ator, no disfarce do professor, segue ao encontro de Maria da Paz para levá-la à casa de veraneio e lá realizar seu objetivo.

Enquanto António Claro lá está na casa de campo com Maria da Paz, Tertuliano não via outra alternativa senão tornar-se António Claro, já que ele não passava de um duplicado do professor cuja identidade havia sido tomada pelo ator. Tertuliano assume a identidade e os documentos, e veste-se com as roupas e com os acessórios de António Claro. Já sob o disfarce do ator, Tertuliano, por meio de uma conversa com o onipresente Senso Comum, expõe as razões pelas quais decidiu tomar aquela investida.

Indaga-lhe o Senso Comum

Que ideia é essa de aqui vires, Não armes em ingénuo, sabe-lo tão bem como eu, Vingar-te, desferrar-te, dormir com a mulher do inimigo já que a tua está na cama com ele, Exacto, E depois, Depois, nada, à Maria da Paz nunca lhe passará pela cabeça que dormiu com o homem trocado, E estes daqui, Estes vão ter de viver a pior parte da tragicomédia (SARAMAGO, 2002, p. 285).

E Tertuliano continua

Quando o António Claro entrar amanhã em casa vai ter a maior das dificuldades para explicar à mulher como foi que conseguiu dormir com ela e ao mesmo tempo estar a trabalhar fora da cidade, Não imaginei que fosses capaz de tanto, é um plano absolutamente diabólico, Humano, meu caro, simplesmente humano, o diabo não faz planos, aliás, se os homens fossem bons, ele nem existiria, E amanhã, Arranjarei um pretexto para sair cedo. (SARAMAGO, 2002, p. 285).

Apresentadas todas as teorias e justificativas ao seu interlocutor, Tertuliano Máximo Afonso põe seu plano em prática e desempenha-o com sucesso. António Claro também teria, não fosse um detalhe capaz de pôr seu plano em cheque: a marca da aliança em seu dedo. Quando Maria da Paz a percebeu, os dois discutiram e ele disse que a deixaria na porta de casa. Durante o caminho de volta, os dois sofrem uma colisão com um caminhão e morrem.

Conclusão

A igualdade física que existe entre os personagens duplicados segue ao longo da narrativa, que inclusive dá detalhes mais precisos, como a cicatriz e os sinais que ambos possuem nas mesmas partes do corpo. A grande diferença entre ambos, no entanto, foge do lado físico-corporal.

Como o romance é todo permeado por uma busca de um por parte do outro, naturalmente aquele que busca desempenha um papel ativo em relação ao procurado, que se porta passivamente na narrativa. Tertuliano começa a narrativa como um sujeito passivo e melancólico e depois se torna um detetive obstinado em achar aquele ator secundário de cinema.

Enquanto Tertuliano Máximo Afonso está dominado pelo caráter ativo das forças, António Claro é um corpo reativo. Entretanto, a partir do primeiro contato entre ambos, e do choque que isso causa em Helena, o ator e o professor trocam de posicionamento, passando este a ser o reativo ao passo que aquele se torna dominado pelas forças ativas.

Nesse sentido, retomamos as palavras de Deleuze (s/d) para defender a constante troca de predominância das forças sobre o corpo que constituem. Ressalta-se, também, que a dominância de uma das qualidades das forças não erradica a existência da outra. Caso os níveis de forças ativas e reativas sejam iguais no corpo, atinge-se o equilíbrio entre elas, o que é apontado como a situação ideal.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução: António M. Magalhães. Porto: Rés, S/D.

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: **Obras completas volume 14. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

